

“CREATIO EX NIHILO” (*)

DJACIR MENEZES

“Todas as coisas são verdadeiras enquanto existem e não há falsidade senão quando pensamos existir o que não existe”. Santo Agostinho.

Sigo nesta epígrafe o rastro agostiniano até o limite em que a pergunta, oriunda de minha “experiência racional”, não implica ideologicamente noutra interrogação que me venho formulando nestes últimos dez anos... Pretendo cogitar *hic et nunc*, numa experiência “cristã” de Deus, que não deixa de inquietar o progressivo agostinianismo que me ameaça nesta hora os 83 anos e me põe diante do *creatio ex nihilo*, fazendo-me rever antigas posições de filosofia especulativa, que imprudentemente passo a desafiar.

Venceu-me a íntima convicção de que tudo foi criado de uma vez - *omnia simul fecit*, sem a ficção da cronologia mosaica e seus períodos (*Yom*). A genialidade de Agostinho deslumbrou-me. O gênio do africano não viu contradição entre *Eclesiastes* (Salomão) e *Genesis* (Moisés). Viu *um só ato creador*, que teve sua expressão no processo cosmogênico divino: um único ato creador. *Creatio = ex nihilo*. A relação “Ser” x “Conceito” em Hegel assinala a intuição divina do que escreveu ou pensou ainda em Tübingen!

Tudo que ando dizendo nestas linhas, a mim mesmo me parece estranhamente verdadeiro. “A dimensão do ato creador!” Dimensão no tempo? Não; Agostinho corrige: *non est mundus factus in tempore, sed cum tempore!* Por que? Porque o tempo não mede a degeneração mas a gênese do Real. Por isso, di-lo expressivamente Juan L. Ruiz de la Peña, que o paradigma bíblico da temporalidade é a reta crescente, tem um começo e um término, um ponto de partida e um ponto de chegada, cenário de uma história de salvação; *próton* e *éschaton* são acontecimentos-limite que não se inserem no ritmo convitual dos nossos hábitos mentais.

Na perspectiva em que hoje se define para mim o lineamento do problema, não se trata de um fabuloso *Alem*, mas de uma imanência Cósmica Radical que se faz intuível mediante a Matemática como *processo divino inabluível*. Desta forma me tornei deísta surpreendido na síntese agostiniana entre *criação e evolução*. Eis o limite absoluto em que emudeço: o ponto de partida do ato de existir, de sua inteligibilidade total, ato creador por excelência que se apelidou *Verbum*: potencialiter = actualiter. Tentativa gnosiológica que me concilia com a “*creatio = ex nihilo*” do drama. O que existiu, sempre existiu. Por que? Na quesília com que meu bondoso e sagacíssimo Mestre José Sombra alvoroçava o espanto adolescente e prematuro dos quintanistas do Curso Integral do Liceu do Ceará em 1925, um dos assombros de meus 16 anos, com J. Agostinho Nogueira, já meio caldeados na catequese positivista - por incrível que pareça... Ainda demoraria alguns anos mais o vindouro choque hegeliano-marxista.

Sobretudo o choque do primeiro capítulo do *Sein x Nicht* da “*Wissenschaft der Logik*”. Solução? Postular a Eternidade do Ser, - e não é outra coisa que a seródia tese do engelsismo. Em que difere da tese mosaica? *In principio erat Verbum*, - mas o Verbum é tudo porque é a *creatio = ex nihilo*. Agostinicamente falando, como agora falo e penso, o *nec quidquam* é a negação vácuca que vamos despedaçando através dos golpes das *Retractationes*. “Essa causalidade creadora - argumenta J. L.R. de la Peña - opera de dentro da causalidade creada para que ela própria supere seus limites, como dinâmica inabluível”.

Nas páginas da *Vera Religione* foi que tive certa intuição do Acontecimento de Ressonância Única na Consciência humana. E o mais? O mais assume a configuração de negações do neo-platonismo. Para Agostinho, o Mal é a privação do Bem e não exige causa positiva própria. O Mal seria doídice maniqueísta. A *sanitas* metafisicamente *domina o creato*: é integridade, extingue a defectibilidade que só se apreende bem na plenitude da claridade agostiniana, no divino processo creativo do *ex nihilo*. Por que? Porque o Mal não é substantivo, não substancial ao Ser humano, não vem da Natureza, vem do humano. Não é algo ôntico exterior ao homem. O filósofo de Hipona ensina vigorosamente - *nulla Substantia malum est*. Tais dizeres incutiram-me profundamente a convicção da *creatio ex nihilo* como a mais sintônica ao nível atual da gnosiologia humana.

Abreviarei o que devo acrescentar dizendo que o *novus homo et interior et cosmicus*, a saber, um processo de divinização, de purificação, interiorização, de universalização, a unisonância do Bem, do Belo e da Verdade, que a tradição chama “Deus” deixa-me pedagogicamente emocionado. Praz-me recordar que no livrinho intitulado “Diretrizes da Educação Nacional”, editado há

52 anos, zombava de Tristão de Ataíde porque assegurava-nos toda precisão da objetividade do Mal, isto é, da certeza da eficácia do Diabo. *Nulla substantia malum est...* (Agostinho).

Não me ocorre o instante em que agostinianamente deparei a sucessão cronológica e a representação lógica da síntese entre “criação” e “evolução”, binômio primaz que sugerisse *potentialiter* “no” *actualiter*, a planta na semente, a semente na planta, *omnia simul fecit...* Recolho uma sentença impressionantíssima de Agostinho. Todos os que pretenderam conhecer o cristianismo apenas pelo estudo especulativo ficaram sempre analfabetos. Porisso, acudiu-me ao espírito a imagem daquela tarde em que, na semi-obscuridade da sala onde minha mãe sofria de câncer: impressiona-me até hoje o olhar dela para o Crucifixo pendurado ao punho da rede e o imenso silêncio de sua expressão. Por que passei a recordar tanto esse instante? Está no fundo de mim mesmo - e me dói. *Num amamus aliquid nisi pulchrum* - segreda-me a voz de Hipona através de 13 séculos. E mais se aprofunda à medida em que se envelhece. Envelheço, e saboreio certa volúpia desse saber intuitivo a respeito de um “Deus” que reside na intimidade da *matheosis universalis* e creou tudo do Nada. E comecei a sentir como é forte a força que existe entre Gethsêmani e o Gólgota! Não falo no intuito de certos teólogos ao tentarem linguagens figuradas. Uso a rigorosa expressão de Agostinho: *Esse est essentia Dei sive Deus!* O enunciado do princípio revela-nos a concepção na “pureza do Ser” na sua rigorosa posição eckhartiana: “*Esse este Deus*”: tudo que existe tira sua existência do ser e (como adjudica inutilmente Galvano della Volpe) se o ser é outro, então Deus não existe nem é Deus, *chè come può esistere ciò da cui l'essere è altro e distinto?* Deus creou o mundo por um ato livre entre *Deus creator* e *Deus Spes*: nada preexiste à ação creadora, nada no ser de Deus que o obrigue a criar pelo simples poder do amor a partir do nada. O ato creador, supremamente gratuito, é imune a toda a necessidade interna na condição básica da liberdade. O cimo supremo de toda objetividade é a criação *ex nihilo*, expressão suprema de onipotência.

BIBLIOGRAFIA

GALVANO DELLA VOLPE, *Opere*, a cura di Ignazio Ambrogio, “Eckhart o della filosofia mistica”, p. 111, Editori Riuniti, 1972.

TERTULLIEN ET SAINT AUGUSTIN, *Oeuvres Choisies*, de M. Nisard, chez Frimin Didot Frères, Fils et MDCCCLXXI, Paris.

G. W. FRIEDRICH HEGEL'S, *Wissenschaft der Logik*, Zweite Auflage, 3 e 4 Bd., Berlin, 1841.

Lic. Dr. H. HOLZINGER, *Genesis*, Freiburg, Leipzig und Tuebingen, Verlag von J. C. B. Mohr, 1898, 1 Bd.

*) O presente artigo é o germe do último livro que o Autor pretende escrever, segundo suas próprias palavras, e representa o ápice de uma rica evolução científica, na ânsia eterna e característica do homem de alcançar a verdade objetiva.

Podendo ser considerado Djacir Menezes o mais profundo conhecedor de Hegel no Brasil, de quem conserva, em sua biblioteca particular, um aposento inteiro dedicado aos originais hegelianos e seus respectivos comentários na bibliografia universal, só depois dos setenta anos, praticamente, guiado pelas mãos de Michel Villey, começou a ler, maravilhado, Santo Tomás, que ele, antes, apenas ligava à ciência dos anjos mas que, na verdade, discutiu, com maestria invulgar, os problemas do direito e da justiça.

Nessa ocasião, tivemos a feliz oportunidade de possibilitar-lhe, por intermédio de Mons. Emílio Silva, a aquisição, na Espanha, em edição bilingüe, dos tratados cristãos *De Iustitia et Jure*, de Domingo de Soto, e *De Legibus ac Deo Legislatore*, de Francisco Suárez.

Já nessa época, pronunciava-se uma mudança na posição filosófica de Djacir, que sempre procurou incessantemente a verdade, estivesse ela onde estivesse, como deixamos bem claro em nossa apresentação do volume em sua homenagem *Djacir Menezes e as perspectivas do pensamento contemporâneo*, editado pela Pós-Graduação da Faculdade de Direito da UFRJ em convênio com a Editora Rio, em janeiro de 1979.

Quase dez anos mais tarde, em 1988, escrevendo *A obra polimórfica de Djacir Menezes e sua síntese filosófica*, para a edição de *Djacir Menezes (1907-...) Bibliografia e Estudos Críticos*, pelo Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, de Salvador, em homenagem aos 80 anos do Autor, depois publicado o escrito na Revista de Ciência Política, da Fundação Getúlio Vargas, nº de maio-julho de 1989, págs. 94 a 102, finalizamos nossas elucubrações reconhecendo que "as idéias de Djacir Menezes quase se ajustam às idéias por nós defendidas, embora partidas de um pensador totalmente infenso a qualquer doutrina confessional. Homem leal, porém, e investigador da verdade, venha ela de onde vier, Djacir, na sua rica experiência cultural, traçou uma trajetória doutrinária como poucos o fizeram, esmerilhando o hegelianismo com rara mestria. Dialeticamente, atingiu altíssima estrutura mental, chegando suas maiores conclusões às grandes idéias-forças que fazem a honra do espírito humano".

Agora, entretanto, Djacir, que foi mestre incomparável da mocidade nos seus longos anos de magistério, não esconde a força interior que se lhe abre no coração puro, para entregar-se de corpo e alma à dialética agostiniana. Dispondo-se a conhecer os 41 volumes da edição bilingüe de Santo Agostinho, espanhola, da Biblioteca de Autores Cristãos, Djacir compraz-se em suas obras fundamentais, *A Cidade de Deus*, *Confissões*, *Àcerca do livre-arbitrio*, *A verdadeira religião*...

Na edição portuguesa dessa última obra, repassada de inteligentes grifos, escapou-lhe das mãos o desabafo que lá estava, no final da mensagem de João Paulo II aos agostinianos, pág. 9:

"A surpresa em que me acho escrevendo estas reflexões é imensa - pois até este instante sou (ou me supus) estranho a todo pensar Agostiniano graças a mais profunda ignorância do maior pensador que comecei a estudar aos 80 anos!

Escrevi mais de 50 livros...

Este que *agora* estudo foi a mais escandalosa surpresa.

Anoto-a quase virando a proa de minha galera!

Devo solicitar, humildemente, o que? o que? minha inscrição entre os Agostinianos? *quid inde?*"

Sou, talvez, altamente indiscreto, ao dar publicidade a tal revelação, comprovadora da humildade invulgar do amigo. Mas, certamente, ele há de saber perdoar-me pela intenção que tenho em vista: levar aos contemporâneos, sobretudo à mocidade, o exemplo incomparável da probidade intelectual de quem jamais descansou em face da procura da verdade.

E isso é altamente promissor e confortante porque Djacir Menezes, aos 83 anos de idade, exhibe, como nunca, uma lucidez mental capaz de causar inveja aos mais moços e menos experientes.

A. MACHADO PAUPÉRIO